

Mensagem 27

Chennai, Índia, 17/agosto/2000.

Durante a oração há uma demanda que surge da mente. Ela é a dor da solidão, da agonia e da personalidade centrada no eu (ego) na qual Deus está “presente” apenas como ausência! Este Deus é o produto de debates que surgem a partir da lógica dos teólogos.

Durante a meditação há uma imparcialidade, um estado de “nenhuma-mente”. É estar só (não contaminado por ideias de outros), um processo de esvaziamento do eu (ego) no qual o inominável é uma presença tremenda. Isto não tem nada a ver com a conspiração dos “fiéis” que envolvem a humanidade em todos os tipos de crenças, fanatismos e batalhas em nome de Deus. Quando se está assim só, o diálogo, surge a partir do amor pela verdade.

As orações surgem da consciência separativa. A meditação jorra a partir da consciência inocente e desprovida de conteúdos. Na prece, há mendicância e engendração. Na meditação, há felicidade e benção.

A Kriya-Yoga é praticada para vivermos em atenção equânime. E isso é meditação, que não é praticar concentração e estar disponível para reflexos condicionados tais como as experiências. A meditação é um movimento em Tathya (Realidade), enquanto a oração é uma estagnação em Tatwa (Teoria). Onde há prarthi (entidade subjectiva), não há prarthana (oração). É por isso que apenas situações difíceis, paradoxos e anseios são promovidos e perpetuados pela oração.

OM SHANTI SHANTI SHANTI

Verdade, Transe, Transformação, Transcendência.